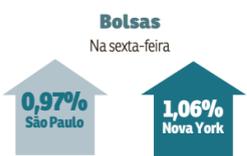




Economia

7 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, sábado, 15 de maio de 2021



Salário mínimo

R\$ 1.100

Dólar
Na sexta-feira

R\$ 5,271
(▼ 0,8)

Últimas cotações (em R\$)

7/maio	5,229
10/maio	5,232
11/maio	5,223
12/maio	5,305
13/maio	5,313

Euro
Comercial, venda na sexta-feira

R\$ 6,401

Capital de giro
Na sexta-feira

6,16%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)

3,55%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Dezembro/2020	1,35
Janeiro/2021	0,25
Fevereiro/2021	0,86
Março/2021	0,93
Abril/2021	0,31

CONJUNTURA / Analistas do mercado melhoram ligeiramente as projeções para o desempenho da economia brasileira neste ano, mesmo com a continuidade da pandemia. A maioria, entretanto, ainda mantém a cautela com a possibilidade de uma retomada mais forte

Menos pessimismo com a atividade econômica

» ROSANA HESSEL

O pessimismo do mercado sobre a evolução da economia diminuiu, após indicadores de março mostrarem resultados melhores do que o esperado, principalmente, dados do comércio e da indústria. Depois de uma onda de revisões para baixo nas projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2021, quando o país tinha média diária acima de 4 mil mortes por covid-19, as estimativas, agora, estão com viés de alta. Algumas apostas já passaram para 4% para o ano e descartam queda do PIB no primeiro trimestre.

Esse percentual é levemente superior ao carregamento estatístico herdado do PIB de 2020, de 3,6%. Isso significa que boa parte do crescimento será inercial, visto que o setor de serviços, que representa a maior parte do PIB, não conseguiu recuperar o patamar pré- crise e depende de um avanço maior na vacinação para apresentar resultados melhores.

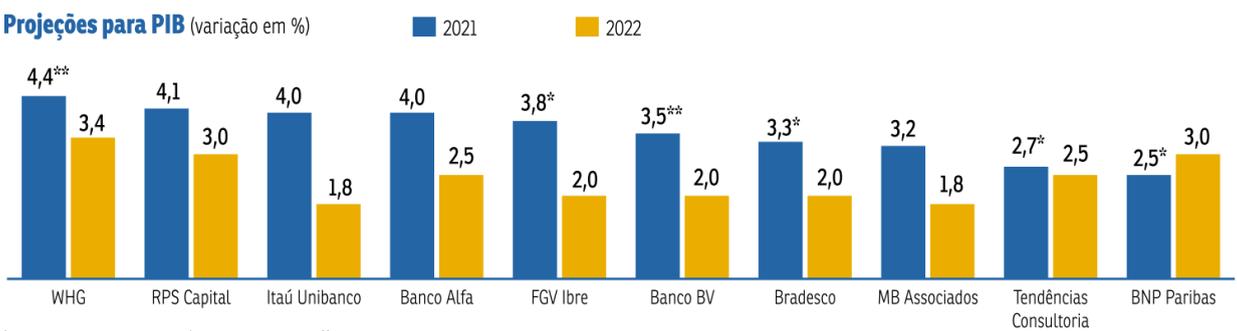
De acordo com especialistas ouvidos pelo Correio, apesar de ser mais devastadora em número de contágios e de mortes, a segunda onda da pandemia teve um impacto diferente na economia, mesmo com as medidas restritivas adotadas pelos estados.

“O mundo meio que aprendeu a rodar com a pandemia e os dados de mobilidade já se recuperaram”, destacou o ex-diretor do Banco Central Tony Volpon, estrategista-chefe da gestora WHG, uma das mais otimistas do mercado, prevendo alta de 4,4% do PIB neste ano. “Por enquanto, vamos manter as projeções”, disse.

Na avaliação de Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV, a nova onda de revisões para o PIB mostra que o mercado está menos pessimista com a segunda onda da pandemia e que diminuíram as preocupações de que o fim do auxílio emergencial pode atrapalhar o processo de recuperação. “O mercado tirou o excesso de pessimismo, mas não é que ele está otimista. Há um consenso de que a economia vai andar, mas não vai decolar, porque o carregamento estatístico do PIB de 2020 é elevado, de 3,6%”, explicou. Padovani revisou a projeção para o PIB de 2021 de

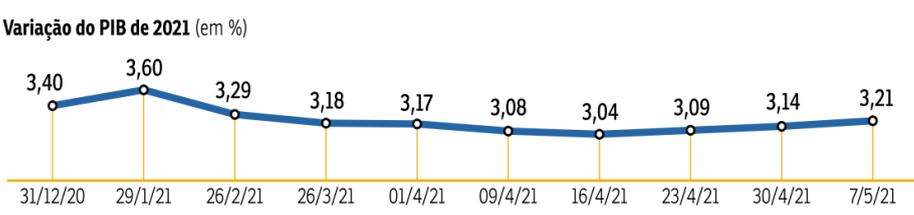
Economia resiliente

Dados acima do esperado no primeiro trimestre, apesar da segunda onda da pandemia, melhoram as projeções para o PIB de 2021



Sobe e desce

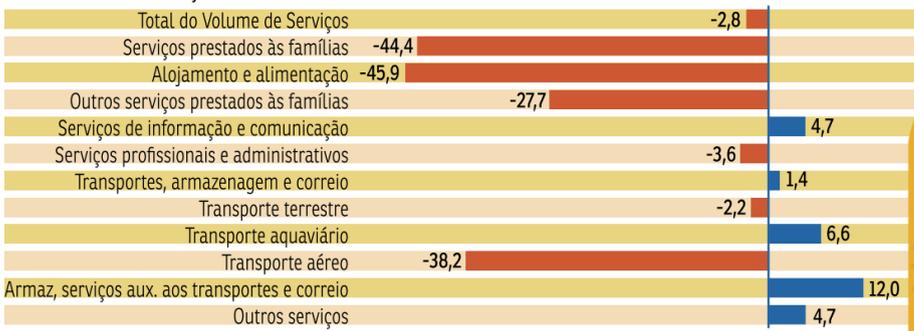
Mediana das projeções do mercado contabilizadas no Boletim Focus



Retomada difícil

Volta ao patamar pré-pandemia, no entanto, ainda é desafio para os principais segmentos do setor de serviços — o que mais emprega e mais pesa no PIB

Dado de Mar/21 em relação a Fev/20 (%)



Fontes: Instituições financeiras e consultorias, Banco Central e Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre)

4% para 3,5%, que não deve sofrer alteração, por enquanto.

De acordo com os analistas, indústria e comércio mostraram a resiliência das empresas que, inclusive, ficaram mais produtivas, porque estão conseguindo produzir mais com menos funcionários. Além disso, o mercado externo está favorável, o que ajuda a melhorar as previsões. Os países desenvolvidos estão im-

pulsionando o PIB global e, consequentemente, os preços das commodities, o que ajuda países exportadores desses produtos, como o Brasil.

“Embora o Brasil ainda esteja atrasado na vacinação, ele pode ser ajudado pelo crescimento global”, afirmou o economista Gustavo Arruda, chefe de pesquisa para América Latina do BNP Paribas. O banco francês está revendo as pro-

jeções. Ele foi um dos mais pessimistas no caso do Brasil, prevendo crescimento de 2,5% neste ano, mas está com viés de alta.

Vale, economista-chefe da MB Associados, acaba de elevar de 2,6% para 3,2% a estimativa de expansão da economia, mas vê com cautela projeções acima de 4% para o PIB deste ano. “Esses números são apenas a saída do fundo do poço do ano pas-

sado. Não tem a ver com sustentabilidade. Os riscos fiscais persistem, e o país tem baixas taxas de poupança e de investimento, que impedem a retomada de forma sustentada”, afirmou. Para 2022, ele prevê avanço de apenas 1,8%.

O economista-chefe do Bradesco, Fernando Honorato, disse que deve elevar a projeção atual de crescimento do PIB, de 3,3%

no fim do mês, mas também demonstra cautela. “O principal risco é o recrudescimento da pandemia, seja por atraso na vacinação ou novas variantes. Mas mesmo esse risco parece pequeno, pois o aprendizado da segunda onda mostrou que a economia é resiliente. Empresas e famílias parecem ter aprendido a conviver com as restrições à mobilidade”, analisou.

O mercado tirou o excesso de pessimismo, mas não é que ele está otimista. Há um consenso de que a economia vai andar, mas não vai decolar”

Roberto Padovani,
economista-chefe do Banco BV



Estamos vendo a vacinação avançando em muitos lugares. Muitos países têm mais doses do que é necessário. Se você for mais rápido, consegue recuperar o tempo perdido”

Roberto Campos Neto,
presidente do Banco Central

Vacinação é chave, diz Campos Neto

» VERA BATISTA

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, admitiu que novos casos de mortes e contaminados pelo coronavírus “impactam as expectativas dos investidores”, fato que ocorre, disse, em todo o mundo, inclusive nas economias desenvolvidas, que seguem em trajetória de recuperação. “A economia global está diretamente ligada à evolução da pandemia”, afirmou. Ele disse que as pessoas e as empresas já se adaptaram melhor à pandemia, e conseguiram produzir mais, apesar das novas restrições de mobilidade.

Mas o Brasil tem um bom sistema de vacinação e, na sua aná-

lise, “até julho, todos do grupo de risco estarão vacinados”. Novos lockdowns, por outro lado, serão pouco eficientes e terão pouco efeito na economia. “Estamos vendo a vacinação avançando em muitos lugares. Muitos países têm mais doses do que é necessário. Alguns estão exportando vacinas, outros estão produzindo seus próprios imunizantes. Se você for mais rápido, consegue recuperar o tempo perdido”, afirmou.

Em evento organizado pelo Bank of America (BofA), Campos Neto apresentou um gráfico mostrando que, em termos de responsabilidade fiscal, o Brasil é um dos piores do ranking. Como a maioria, o país ainda não voltou

aos níveis pré-covid, e vive um momento de alta da inflação, causada principalmente pela elevação do preço das commodities (mercadorias com cotação internacional) e pelo encarecimento da energia elétrica. “Para avançar, o Brasil precisa das reformas”, assinalou Campos Neto.

O presidente do BC disse, ainda, que não vê problemas fiscais mais graves, se não houver gastos extras. “Quanto mais se gasta com benefícios, o resultado lá na frente será o contrário. Gastos com muitos benefícios, para o crescimento, terá o efeito oposto”, garantiu. Ele lembrou que, na última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom), elevou a taxa básica de juros (Selic), em

0,5 ponto percentual para evitar alta maior da inflação, principalmente em 2022.

Mesmo com os problemas fiscais, o crédito tem se expandido no país. “Temos crédito disponível e novas modalidades de crédito sendo criadas”, mencionou Campos Neto. Ele ressaltou, ainda, o desempenho do BC nas medidas de avanço tecnológico, como o Pix e o Open Banking. “Acredito que o crescimento da tecnologia é o número um para a inclusão”, afirmou.

Controle

Pela manhã, o diretor de Política Monetária do Banco Central, Bruno Serra Fernandes, em

evento on-line do Credit Suisse afirmou que o ajuste mais acelerado dos juros que o BC tem levado a cabo desde março “é a chave para controlar as expectativas de inflação e para garantir que esse choque seja, de fato, temporário”.

Serra também defendeu maior transparência do BC na comunicação com o mercado. As constantes altas dos juros, embora necessárias, disse Serra Fernandes, devem ser pontuais, e levando em consideração a conjuntura. “O ajuste total de uma vez só levaria as projeções de inflação para níveis abaixo do consistente com a meta no horizonte relevante”, disse.